

# Rosa Luxemburg e os movimentos sociais contemporâneos: o caso do MST\*

ISABEL LOUREIRO\*\*

Meu objetivo nesta intervenção é analisar por que Rosa Luxemburg, entre muitos outros políticos de esquerda, é uma das inspirações teóricas (e práticas) de um dos mais importantes movimentos sociais dos últimos 20 anos, o MST no Brasil. O que haveria em comum entre um movimento de trabalhadores rurais sem-terra no Brasil do século XXI e uma socialista judia polonesa do começo do século XX, que se voltou incisivamente contra a distribuição de terras aos camponeses feita pelos bolcheviques, com o argumento de que isso criaria uma nova classe de pequenos proprietários que passariam a opor-se ao socialismo? Qual a contribuição de Rosa Luxemburg para um movimento que luta por reforma agrária (mas não só, como veremos), e que resiste desesperadamente para conservar uma forma de vida considerada “arcaica” pelas elites “modernizantes” (e pelos marxistas ortodoxos) no Brasil?

Antes de respondermos a esta questão precisamos entender as origens do MST em pleno final do século XX. Elas encontram-se na modernização da agricultura brasileira, na nova etapa da acumulação do capital, em que as máquinas tomam o lugar dos homens, criando o desemprego estrutural. Entre 1996 e 1999, juntando trabalhadores rurais e suas famílias, chegamos a um número em torno de 12 milhões de pessoas que não podem garantir a própria sobrevivência com os meios que o capital põe à sua disposição. A passagem da sociedade rural para a

\* Intervenção no Fórum Social Alemão, Erfurt, julho de 2005. Peço desculpas por apresentar informações redundantes para o leitor brasileiro.

\*\* Professora colaboradora da Unicamp.

urbana, extremamente traumática na Europa e na América do Norte, é ainda mais violenta num país como o Brasil, na medida em que está sendo vivida de forma mais acelerada. O que acontece no Brasil tem sido caracterizado como um processo de “modernização conservadora”, cujo exemplo mais conspícuo é dado pelo agronegócio voltado para a exportação: visto como o “salvador” da economia nacional, não dispensa nem mesmo o trabalho escravo para acumular capital.

A modernização brasileira do campo não universalizou direitos políticos conquistados desde as revoluções burguesas do século XVIII<sup>1</sup>. O MST luta assim em duas frentes: em pleno século XXI para implantar no Brasil as idéias da Revolução Francesa (tornar cidadãos aqueles que são considerados o lixo descartável pela modernização capitalista), mas, ao mesmo tempo, avançar em direção ao socialismo. Nesse sentido, o MST é totalmente contemporâneo: ele nasce porque os pequenos agricultores que o formam não encontram lugar no campo, nem na cidade. Em resumo, o MST resulta do desespero de milhares de pessoas que perderam seus meios de vida e não têm como encontrar outro. Só lhes resta resistir para não desaparecer. Seus adversários o consideram arcaico, quando na verdade o MST não aceita que os pequenos agricultores sejam condenados à morte pelo “progresso” capitalista.

O que acontece hoje no campo brasileiro é uma repetição (piorada?) do processo de modernização capitalista analisado por Rosa Luxemburg em *A acumulação do capital*. Nesse livro, ela mostra que, para continuar acumulando, o capital precisa se expandir e, para isso, precisa aniquilar toda estrutura social não-capitalista:

O capital não conhece outra solução senão a da violência, um método constante da acumulação capitalista no processo histórico, não apenas por ocasião de sua gênese, mas até mesmo hoje. Para as sociedades primitivas, no entanto, trata-se, em qualquer caso, de uma luta pela sobrevivência; a resistência à agressão tem o caráter de uma luta de vida ou morte levada até o total esgotamento ou aniquilação<sup>2</sup>.

É exatamente o que se passa com os trabalhadores sem-terra que integram o MST: expulsos do campo, não têm para onde ir. Por isso resistem e se organizam. Rosa prognostica que as sociedades primitivas (às quais estamos comparando os sem-terra) resistirão até o total esgotamento ou a aniquilação. Embora por um lado ela lamente o destino cruel das formações sociais não-capitalistas, sobretudo a violência com que são aniquiladas, por outro (o que é típico do pensamento marxista tributário da ideologia do progresso) vê como inevitável e benéfico esse processo, por acreditar que no fim desse penoso Gólgota está o socialismo.

<sup>1</sup> Cf. Neurí Rossetto, “Outro mundo se faz com terra para todas as pessoas”, *Democracia viva*, Rio de Janeiro, jan./fev. 2005.

<sup>2</sup> Rosa Luxemburg, *A acumulação do capital*, São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 33.

No entanto, ao lado desse viés determinista de seu pensamento econômico, típico da Segunda Internacional, e que está completamente ultrapassado, existe uma concepção de política em que a ação autônoma das massas populares cria um espaço público inteiramente diferente do espaço público burguês. O agir autônomo cria *já* em sociedades predominantemente capitalistas, a partir de baixo, da ação coletiva dos deserdados da terra, os germes de uma sociedade mais justa e mais igualitária. Na teoria e na prática políticas de Rosa Luxemburg, há essa tensão entre o pólo determinista e o pólo “autonomista”, e quando o MST se inspira em Rosa é em nome desse viés libertário.

Isto posto, vejamos mais detalhadamente quais os aspectos do pensamento político de Rosa Luxemburg que atraem o MST.

### Defesa da ação direta e da experiência das massas

A idéia de que os sujeitos se formam na luta é comum a Rosa e ao MST. Para Rosa, a consciência de classe resulta da ação revolucionária, da prática política a mais livre possível, e não é introduzida de fora na classe operária por uma vanguarda especializada de revolucionários profissionais. O proletariado precisa de “um alto grau de educação política, de consciência de classe e de organização. Não pode aprender tudo isso em folhetos ou panfletos, mas essa educação deve ser adquirida na escola política viva, na luta e pela luta, no curso da revolução em marcha”<sup>3</sup>.

Rosa adotava como lema o verso do Fausto “no princípio era a ação” contra o “cretinismo parlamentar” da social-democracia alemã. Rosa sabia, e o MST também sabe, que os mecanismos parlamentares sozinhos não foram feitos para conquistar e preservar direitos de quem não possui capital. Por isso o MST tem como um de seus princípios mais bem-sucedidos a ocupação de terras (em que o título de propriedade tem legitimidade duvidosa) por massas de trabalhadores rurais organizados. Se ficarem à espera de que, sem pressão, o governo (qualquer governo) faça a reforma agrária, talvez precisem de mais 500 anos.

Jaime Amorim, líder do MST, diz que “os trabalhadores aprendem no dia da ocupação o que não conseguem aprender numa vida inteira”<sup>4</sup>. Ao romper com uma tradição de obediência, percebem que os valores estabelecidos não são imutáveis, e que podem pôr o mundo de ponta-cabeça. “O ato da ocupação torna-se o estopim para um profundo processo de transformação, pessoal e política”<sup>5</sup>. As marchas populares até Brasília, como a realizada em 1997 (governo FHC) e agora em 2005, no governo Lula (12 mil participantes, 133 crianças, 19 bebês, que

<sup>3</sup> Rosa Luxemburg, *Gesammelte Werke 2*, Berlim: Dietz Verlag, 1981, p. 113.

<sup>4</sup> Apud Branford S., Rocha, J. *Rompendo a cerca – A história do MST*. São Paulo: Casa Amarela, 2004, p. 99.

<sup>5</sup> Idem, p. 100.

percorreram mais de 230 km em 16 dias)<sup>6</sup>, feitas para angariar visibilidade e apoio da sociedade, também fazem parte dessa experiência transformadora. A solidariedade, a organização dos mínimos detalhes, a alegria de caminharem juntos por um objetivo comum funcionam como elemento aglutinador, e ao mesmo tempo mostram na prática que é possível uma boa vida à margem do shopping center.

A outra idéia que ambos têm em comum é que a consciência de classe decorre da própria *experiência* das massas trabalhadoras, não é inculcada de fora por uma vanguarda especializada de revolucionários profissionais. No caso do MST a prática concreta mostrou que não se podem copiar experiências, que cada uma delas tem características próprias que não podem se transformar em modelo. Segundo João Pedro Stédile, “a prática concreta da luta pela reforma agrária nos ensinou que não se podia copiar experiências, porque cada espaço, cada realidade local, traz novos elementos que vão sempre se recriando a partir do conhecimento já acumulado”<sup>7</sup>. O MST aprendeu com a própria experiência que as fazendas coletivas não poderiam ser impostas pelas lideranças aos assentamentos, seguindo o modelo de Cuba: “Hoje em dia não temos um modelo pronto para nada. Cada vez que tentamos fazer isso, falhamos”, diz Stédile<sup>8</sup>.

Comparemos estas idéias com o seguinte trecho de *A crise da social-democracia* de Rosa Luxemburg: “Os seus [do proletariado] erros são tão gigantescos quanto as suas tarefas. Não há esquema prévio, válido de uma vez por todas, não há guia infalível para lhe mostrar o caminho a percorrer. A experiência histórica é seu único mestre (...)”<sup>9</sup>. Ou com esta passagem de *A revolução russa*, quando Rosa diz que não existe um modelo pronto de socialismo resumido em algum manual que baste apenas aplicar, mas que o socialismo é

---

<sup>6</sup> Lembram Luiz Bassegio e Luciane Udovic, da Secretaria do Grito dos Excluídos Continental, que acompanharam a Marcha: “Ao longo da marcha houve muitos aspectos positivos que merecem ser lembrados, já que alguns setores da imprensa não tiveram interesse em relatar. O processo de formação que todas as tardes era realizado foi um dos exemplos. Os 12 mil marchantes acompanhavam diariamente, através de uma estação de rádio montada no acampamento, palestras, debates e estudos de documentos. A organização e a disciplina também eram notadas no cotidiano do acampamento: montagem e desmontagem das barracas, distribuição da alimentação, zelo com o meio ambiente e a limpeza do local por onde passava a marcha. Nem um simples papel era deixado no chão. Durante os percursos, jovens passavam entre as fileiras recolhendo toda espécie de lixo. Por onde passou a marcha, só ficaram a admiração e o apoio da população que a acolhia. Aliás, o grande número de jovens marchantes mostra que o movimento cresce e se fortalece a cada dia”.

<sup>7</sup> Stédile, J. P., Fernandes, B. M. *Brava gente – A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999, p. 58.

<sup>8</sup> Apud Branford, op. cit., p. 136.

<sup>9</sup> *Gesammelte Werke 4*. Berlim: Dietz Verlag, 1987, p. 53.

um produto histórico, nascido da própria escola da experiência, na hora da sua realização, nascido da história viva fazendo-se (...) [que] por sua própria natureza, não pode ser outorgado nem introduzido por decreto. (...) Só a experiência [é] capaz de corrigir e de abrir novos caminhos. Só uma vida fervilhante e sem entraves chega a mil formas novas, improvisações, mantém a força criadora, corrige ela mesma todos os seus erros. Se a vida pública dos Estados de liberdade limitada é tão medíocre, tão miserável, tão esquemática, tão infecunda, é justamente porque, excluindo a democracia, ela obstrui a fonte viva de toda riqueza e de todo progresso intelectual. (...) É preciso que toda a massa popular participe. Senão o socialismo é decretado, outorgado por uma dúzia de intelectuais fechados num gabinete<sup>10</sup>.

### Democracia radical

O MST, a partir de sua experiência prática, chegou às mesmas conclusões de Rosa Luxemburg, que, contra o burocratismo da social-democracia alemã (que ela temia que se implantasse na social-democracia russa), defendia a democracia tanto no *plano social* quanto no *interior* da organização.

No que se refere à democracia no *plano social*, a idéia básica (que ela expôs polemizando com os bolcheviques quando dissolveram a Assembléia Constituinte na Rússia) é que a democracia *não* é um meio para se alcançar um determinado fim (a sociedade socialista), que será descartado quando não servir mais. Para Rosa, existe homogeneidade entre meios e fins. Uma sociedade democrática só poderá ser construída com meios democráticos. Por isso, em *A revolução russa* ela defende a idéia de que a tomada do poder (meio) e a instituição da democracia (fim) não são duas etapas separadas no tempo, e sim duas faces da mesma moeda. Para Rosa, uma sociedade radicalmente democrática só pode resultar da participação ativa das massas populares, que, ao agirem solidariamente, criam por si mesmas novas formas de sociabilidade, distintas do individualismo possessivo da cultura burguesa.

Rosa defende incisivamente a democracia radical no discurso de fundação do Partido Comunista Alemão quando diz que na revolução socialista “a história não nos faz a tarefa tão fácil como nas revoluções burguesas, em que bastava derrubar o poder oficial no centro e substituí-lo por alguns homens ou por algumas dúzias de homens novos. Precisamos trabalhar *de baixo para cima* (...) conquistar o poder político não por cima, mas por baixo”<sup>11</sup>. Ao pronunciar essas palavras, Rosa tem em mente uma importante experiência prática de democracia radical que havia surgido no início da revolução alemã com a criação espontânea dos *conselhos* de operários e soldados.

<sup>10</sup> In Jörgen Schüttrumpf (org.), *Rosa Luxemburg ou o preço da liberdade*. São Paulo: Editora Expressão Popular/Fundação Rosa Luxemburg, 2006, pp. 117-18.

<sup>11</sup> *Gesammelte Werke* 4, p. 510.

Para ela, nesse momento, os conselhos têm acima de tudo um *papel pedagógico* – exercendo o poder é que a massa aprende a exercer o poder. A democracia conselheira com suas assembléias, espaço público de discussão e de tomada de decisões diretamente pelos envolvidos é para ela o modelo de democracia socialista, a única alternativa real à forma de organização da democracia representativa burguesa. “Não há democracia quando o escravo assalariado se senta ao lado do capitalista, o proletário agrícola ao lado do Junker, numa igualdade falaciosa, para debater seus problemas vitais de forma parlamentar”<sup>12</sup>.

Sempre que surgiram os conselhos, foram uma manifestação de um espaço público popular, uma forma nova de articular os indivíduos e a sociedade muito diferente do modo como funcionam normalmente as instituições nas democracias burguesas. Aqui os indivíduos são partículas isoladas cujo relacionamento se dá exclusivamente através do mercado. Mas enquanto uns (os felizardos) têm sua existência configurada pelo mercado, existe ao mesmo tempo uma gigantesca franja de excluídos do mercado, joões-ninguém que só possuem a vida nua, sem direitos de qualquer espécie. Para sobreviver, eles precisam se auto-organizar. Um dos nomes da auto-organização foi no passado a “democracia conselheira”, que, com o MST, adquire uma nova faceta: auto-organização de trabalhadores rurais, aqueles que sempre foram considerados pelo marxismo como os atrasados que vão desaparecer, e que devem desaparecer. Algo novo surgiu aqui, imposto pela nova fase de acumulação do capital cuja pretensão é lançar grandes parcelas da população do globo terrestre ao quarto de despejos da história. Na realidade, elas não são um excedente dispensável, e sim parte integrante do circuito de acumulação, como mão-de-obra mal paga, excluída dos benefícios da cidadania. Esse “lixo” social não tem nada a perder, “só suas correntes”<sup>13</sup>.

Uma sociedade democrática que transcenda a dominação do capital só pode resultar da auto-organização dessas franjas excluídas da sociedade de que o MST é o exemplo pioneiro. A construção desse espaço público popular através da auto-organização das massas marginalizadas, que se realiza nos quadros da sociedade existente, é altamente problemática e contraditória, porque sofre evidentemente a contaminação daquilo que quer negar. Esses movimentos sociais de resistência à globalização capitalista andam sempre na corda-bamba, ora pendendo para a cooperação pelo Estado, ora afirmando a grande recusa da ordem estabelecida. O MST não foge à regra. Só a criação de uma *nova cultura*, um processo longo e paciente, poderá pôr novamente no horizonte a idéia do socialismo como uma

<sup>12</sup> Idem, p. 445.

<sup>13</sup> Ver Slavoj Žižek. *Às portas da revolução – escritos de Lênin de 1917*. São Paulo: Boitempo, 2005, pp. 20-21.

sociedade qualitativamente diferente, longe do fetichismo das forças produtivas. O MST se dedica com afincos a esse tópico.

No que se refere à *democracia no interior da organização*, basta mencionar o debate que opôs Rosa e Lênin em 1904 e sempre retomado nas polêmicas da esquerda. Rosa opõe à concepção leninista de partido-vanguarda uma organização centralizada e hierarquizada de revolucionários profissionais, a idéia de partido social-democrata como partido de massas, que engloba “o conjunto dos interesses progressistas da sociedade e de todas as vítimas oprimidas pela ordem social burguesa”<sup>14</sup>. Assim sendo, se o partido não é uma organização rigidamente hierarquizada e centralizada de revolucionários profissionais, mas a expressão das experiências históricas dos de baixo, não é possível eliminar o oportunismo de suas fileiras por meio de um estatuto previamente estabelecido, nem por uma disciplina severa, como queria Lênin. Só por meio de iniciativas práticas anti-autoritárias é possível extirpar o “espírito de disciplina servil”<sup>15</sup> interiorizado pelos trabalhadores, que foi inculcado neles pela família, pelo exército, pela fábrica, pela Igreja, pela burocracia do Estado moderno, e hoje mais do que tudo pela mídia. A organização política, quer seja um partido, quer um movimento social, deve ser já uma escola de socialismo, isto é, deve conter nela os germes de uma sociedade livre. Uma organização política de esquerda que coleciona todos os vícios dos velhos partidos clientelistas, o que ocorre com o PT, deixou de ser de esquerda.

Hoje, segundo o sociólogo I. Wallerstein, a esquerda é demasiado plural para que funcione um sistema de centralismo democrático, mesmo que seja de fato democrático. Nessa sociedade complexa, os partidos políticos estão aparentemente indo à falência. É onde entram os movimentos sociais, como forma de organização alternativa. O MST é claro exemplo disso. Não tem a pretensão nem o desejo de tomar o poder<sup>16</sup>, e por isso não é um partido: “Não somos uma organização partidária, nem queremos ser, nem devemos ser”<sup>17</sup>. Mas o MST criou uma cultura política que se rege por alguns princípios que devem ser aceitos por todos os membros: direção coletiva, divisão de tarefas, disciplina livremente aceita (não imposta autoritariamente), estudo visando à formação de quadros (mas também à alfabetização de crianças e adultos).

Stédile reconhece que talvez o MST tenha deixado de ser apenas “um movimento social de massas para ser também uma organização social e política. No fundo, queremos ser mais do que um movimento de massas”<sup>18</sup>, o que não significa que o MST seja um partido político:

<sup>14</sup> *Gesammelte Werke* 1/2. Berlim: Dietz Verlag, 1979, p. 441.

<sup>15</sup> Idem, p. 431.

<sup>16</sup> Isso não significa que o MST concorde com a tese de John Holloway de “mudar o mundo sem tomar o poder”, tese que Rosa Luxemburg também não abraçaria.

<sup>17</sup> Stédile, op. cit., p. 38.

<sup>18</sup> Idem, p. 44.

O MST adquiriu renome nacional (e internacional) por aquilo que aprendeu a fazer bem: conquistar terras e estabelecer assentamentos. Porém, o movimento abriga ambições bem maiores. Longe de ser uma pequena organização disposta a coexistir com as maiores forças econômicas e políticas da sociedade brasileira, desde que seus membros consigam pequenas concessões, o MST sonha liderar um movimento social com amplas bases, trazendo reformas abrangentes para as estruturas agrárias, sociais e econômicas do país e colocando fim às desigualdades centenárias<sup>19</sup>.

Embora tenha um projeto popular para o Brasil, regularmente difundido pelo jornal *Brasil de Fato* e pelo sítio na internet (o que atinge uma parcela muito pequena da população brasileira), o MST não participa, nem quer participar, do jogo eleitoral. É o que não entende a imprensa conservadora ao recomendar que o MST se torne um partido político e concorra a eleições “dentro das regras do nosso sistema democrático de representação e governo, lançando como candidato para concorrer com Lula, com cujas políticas não concorda, seu líder João Pedro Stédile”<sup>20</sup>. Este tema merece algumas observações. Embora o MST tenha uma direção nacional composta desde 2006 por 61 membros, Stédile é visto pela imprensa burguesa, sempre à procura de personificações, como o único líder. Sendo um movimento social não-partidário, o MST tem mais força de pressão. Embora sempre tenha apoiado o PT, e esteja próximo do governo Lula (que não usou a repressão contra o MST), também endereça críticas à política macro-econômica neoliberal levada a cabo por esse governo<sup>21</sup>.

---

<sup>19</sup> Branford, op. cit., p. 177.

<sup>20</sup> “O que Lula pode dar ao MST”. *O Estado de S. Paulo*, 18 de maio de 2005, p. 3.

<sup>21</sup> Um episódio recente dá notícia do atual caráter esquizofrênico do MST (ou pelo menos de suas lideranças). Com as denúncias de corrupção no governo Lula (pagamento de mesada a deputados do PP e PL para que votem com o governo), 43 movimentos sociais brasileiros, encabeçados pelo respeitado MST, lançaram uma Carta ao Povo Brasileiro (mesmo título do documento eleitoral do PT em 2002, fazendo concessões ao capital) em que denunciam uma suposta tentativa de golpe branco por parte das elites brasileiras, que, com essas denúncias, estariam tentando desestabilizar o governo popular do presidente Lula. Ao mesmo tempo, propõem uma série de medidas para que o governo Lula atenda de fato às reivindicações populares: “1- Reforma ministerial, afastando os ministros conservadores e/ou corruptos; 2- Mudanças na política econômica; 3- Reforma política profunda; 4- Atendimento dos direitos sociais, previstos pela Constituição Federal, como direito a trabalho, terra, moradia, educação e cultura, bloqueados hoje pela política econômica; 5- Debater na sociedade um novo projeto de desenvolvimento, possível com o reascenso do movimento de massas.” Numa total falta de lógica (ou será excesso de dialética?), o governo Lula é e não é ao mesmo tempo de esquerda.



O MST vê a si mesmo como uma escola em que se aprende uma *nova cultura*, o que antigamente era conhecido como socialismo. Em primeiro lugar, porque sua prática, sobretudo nos *acampamentos*, se propõe a ser totalmente democrática<sup>22</sup>. Há eleições em todas as instâncias, desde os núcleos dos acampamentos até a direção nacional, e todas as decisões são tomadas em assembleias. Quando precisa tomar uma decisão importante, a direção nacional envia a proposta para ser debatida em todos os níveis e espera o retorno dos pareceres. O fato é que, os sem-terra dizem que o MST lhes deu a primeira oportunidade de expressar sua opinião e de participar da construção de uma nova comunidade. O que não é pouca coisa. O grande problema que o movimento enfrenta é que, depois das emoções da luta pela terra, os assentados, tendo conseguido sua pequena propriedade, voltam aos velhos hábitos conservadores arraigados, sobretudo em relação às mulheres e filhas. A construção de uma *nova cultura* coletiva, em que todos tomam decisões em conjunto, é o passo mais difícil de ser dado.

O MST resume sua luta em três pontos, todos eles referidos à *democracia*, ao dizer que combate três cercas: a do latifúndio, visando a democratizar a terra; a da ignorância, visando a democratizar a educação, não no sentido apenas de alfabetizar as pessoas, mas no sentido de democratizar o conhecimento; e a do capital, para democratizar a riqueza produzida no país. Como os próprios integrantes do movimento reconhecem, as duas últimas cercas são as mais difíceis de derrubar.

### Socialismo ou barbárie

Um último ponto em comum entre o MST e Rosa Luxemburg é a defesa do socialismo como alternativa à barbárie capitalista.

É evidente que os trabalhadores rurais que entram para o MST não têm como alvo de sua ação a construção de uma sociedade socialista. Num primeiro momento, com as ocupações, “as pessoas só estão dizendo que não são animais, que são seres humanos. Querem fazer parte da sociedade”, diz o padre José Servat, da Zona da Mata em Pernambuco<sup>23</sup>. Mas já nos acampamentos, depois nos assentamentos, o MST, por meio da educação das crianças e dos adultos, e de práticas de decisão coletiva, procura criar os germes de uma nova consciência nos trabalhadores, com o objetivo de construir uma sociedade mais justa e mais humana. Socialista? Aqui já temos um problema: no que consiste hoje a luta pelo socialismo? O que seria hoje uma sociedade socialista?

<sup>22</sup> Sobre a o problema da democracia no plano da organização, ver a excelente dissertação de mestrado de João Alexandre Peschanski, *A evolução organizacional do MST*, USP, São Paulo, 2007.

<sup>23</sup> Branford, op. cit., p. 119.

Vale a pena lembrar mais uma vez Rosa Luxemburg que, ao defender, contra os bolcheviques, a preservação das liberdades democráticas, dizia que o programa socialista apresentava “apenas alguns grandes marcos orientadores que indicam em que direção é preciso procurar as medidas a tomar, indicações, aliás, de caráter sobretudo negativo. Sabemos mais ou menos o que suprimir primeiro para deixar o caminho livre à economia socialista; em contrapartida, nenhum programa de partido socialista nem nenhum manual de socialismo esclarecem de que tipo serão os milhares de medidas concretas, práticas, grandes e pequenas, que é preciso tomar a cada passo para introduzir os princípios socialistas na economia, no direito, em todas as relações sociais”<sup>24</sup>. O socialismo, continua Rosa, é um produto da experiência histórica, e portanto sujeito a mudanças.

Nesse sentido, a importância que o MST dá à educação – e nisso se distingue de qualquer movimento anterior de luta pela reforma agrária – tem por objetivo criar um novo ser humano, para o qual valores como solidariedade, felicidade, igualdade etc. estão no centro da vida, e não a busca do lucro. As escolas do MST ensinam a lutar pelos direitos dos sem-terra, o trabalho em equipe, a valorizar a vida do campo e a resistir à cidade<sup>25</sup>. Segundo Stédile, é preciso “começar a tratar o processo de desenvolvimento do meio rural como uma alternativa à cidade, como uma alternativa ao desenvolvimento geral da sociedade. Vamos novamente contra o que estão dizendo as forças imperialistas. Os países desenvolvidos pregam que o meio rural já deu o que tinha que dar. Temos que provar que, para resolver o problema dos pobres na América Latina e no Terceiro Mundo, só se levarmos o desenvolvimento para o meio rural”<sup>26</sup>.

---

<sup>24</sup> “A revolução russa”. In: Schütrumpf, op. cit., p. 117.

<sup>25</sup> Os números impressionam. Até 2001, cerca de 150 mil crianças estavam matriculadas em 1.200 escolas primárias e secundárias nos assentamentos e acampamentos; nessas escolas trabalhavam 3.800 professores, muitos deles treinados pelo MST. Foram feitos cursos de treinamento para professores de escola primária na maioria dos Estados, e parcerias com a Unesco, Unicef, Igreja Católica, universidades públicas. A última grande conquista do movimento foi a construção da Escola Nacional Florestan Fernandes, em Guararema, inaugurada no dia 23 de janeiro de 2005. Construída por brigadas de militantes voluntários de vários Estados do Brasil, com tijolos de barro feitos no próprio local, a escola é um exemplo de atividade auto-organizada. Ela começou a recrutar para ministrar seus cursos os nomes mais significativos da intelectualidade de esquerda do país que apoiam o projeto popular do MST, vendo nele um elemento desbarbarizador da extrema desigualdade brasileira.

<sup>26</sup> Stédile, op. cit., pp. 124-25.

Desenvolvimento aqui significa sustentabilidade. Os sem-terra foram aos poucos descobrindo

que não podem copiar os métodos dos grandes fazendeiros, dependentes de insumos caros e danosos ao meio ambiente, mas precisam criar os próprios métodos de cultivo, bem mais próximos de antigos padrões, mais sustentáveis. (...) Em muitos dos assentamentos, as famílias estão desenvolvendo uma forma de agricultura ecológica que nem sempre traz riqueza, mas, com certeza, proporciona auto-realização e felicidade pessoal. É essa mensagem positiva que tem transformado o MST num exemplo de esperança para movimentos similares por todo o mundo em desenvolvimento. (...) Agora, o MST está desenvolvendo (...) um novo tipo de agricultura que combine os melhores elementos da lavoura camponesa – sobretudo o cuidado com a subsistência e o equilíbrio ecológico – com os avanços da moderna tecnologia<sup>27</sup>.

Em resumo, podemos dizer que o MST está procurando construir uma *nova concepção de vida rural*. Ela seria uma espécie de síntese entre elementos da cultura rural tradicional (relação fraterna com a natureza, equilíbrio ecológico, beleza da paisagem etc., mas incorporando determinadas inovações tecnológicas) e valores democráticos “modernos” (igualdade entre os gêneros, fim do racismo, fim das relações familiares autoritárias etc.). Tudo isso estaria voltado para a formação de novos seres humanos, que construam, *a partir de agora*, um mundo novo. Trata-se, nas palavras de uma das lideranças do MST, de uma “revolução cultural no campo”<sup>28</sup>, um processo lento, com avanços e recuos, muitas vezes contraditório.

Falar hoje em socialismo não é uma questão doutrinária, e sim uma questão posta pelo atual momento histórico. Uma definição mínima de socialismo seria propriedade coletiva, democracia radical e luta para preservar o equilíbrio ecológi-

---

<sup>27</sup> Branford, op. cit., pp. 97, 130, 145.

<sup>28</sup> Ademar Bogo. *Arquitetos de sonhos*. São Paulo: Expressão Popular, 2003, p. 207. Uma *revolução cultural no campo* precisa encarar problemas como o da sexualidade, sobretudo dos jovens, o que não é enfrentado abertamente por um movimento com traços fortemente puritanos. A primeira geração dos sem-terra é na maioria católica e segue a Igreja Católica no tópico sexualidade, até mesmo a idéia de que o sexo fora do casamento é errado. Mas como os militantes passam muito tempo fora de casa, os casos extraconjugais são inevitáveis. Isso não é abordado abertamente, porque boa parte da militância (masculina) ainda considera as relações pessoais como algo secundário em relação à luta revolucionária. “Como não se discute abertamente a sexualidade nas escolas do movimento, muitas meninas adolescentes engravidam nos acampamentos e assentamentos. Até os heróis do MST são tratados como monges assexuados, que dedicaram a vida toda a serviço do movimento. Che Guevara é adorado em todo o movimento, mas se omite sua notória vida sexual” (Branford, op. cit., p. 340).

co do planeta, sem o que a vida humana está ameaçada. Nesse sentido, a luta pelo socialismo hoje é uma luta contra a privatização e a mercantilização aceleradas de todas as dimensões da vida (educação, saúde, cultura, natureza, formas de vida por meio de patentes de seres vivos e sementes), a qual se traduz, p. ex., em palavras de ordem como “o mundo não é uma mercadoria”. É uma luta pela retomada dos bens públicos, contra as velhas e novas *enclosures*, contra as *cercas* de que fala o MST. Essa luta está sendo conduzida por milhares de movimentos populares ao redor do planeta, cada um à sua maneira. “O socialismo deve ser um programa para a desmercantilização de tudo”, para a “eliminação do lucro como categoria” (I. Wallerstein). E o socialismo deve ser também um programa para a democratização radical da vida, no sentido da participação ampla, geral e irrestrita de todos os interessados nos assuntos que lhes dizem respeito.

Ao mesmo tempo, o MST, esse movimento considerado tão anacrônico por seus adversários, mostra-se totalmente contemporâneo do presente na medida em que aprendeu com as derrotas da esquerda do século XX, abandonando a idéia de que a história está em constante progresso, e de que os oprimidos nadam a favor da corrente. A idéia de progresso e de modernização capitalista serve apenas para destruir valores como solidariedade, justiça, igualdade, equilíbrio ecológico etc. O MST sabe que a cultura camponesa está numa encruzilhada, que ela pode desaparecer. Para que isso não aconteça, é preciso saber usar a seu favor os pontos frágeis do adversário como a questão ecológica.

Nessa perspectiva, um projeto socialista hoje não pode ser eurocêntrico nem ter como objetivo central o desenvolvimento das forças produtivas. Uma “boa vida” deve levar em conta os interesses de todos os povos da Terra e, nesse sentido, é preciso abandonar o *american way of life*, que ameaça destruir os recursos do planeta. O MST tem consciência disso e aos poucos foi desenvolvendo formas de agricultura ecológica, que, como seus membros reconhecem, podem não trazer riqueza (diferentemente do agronegócio, que enriquece alguns e, entre outros crimes, destrói a floresta amazônica), mas proporcionam auto-realização e felicidade pessoal, valores que junto com a solidariedade estão no cerne do que o MST considera uma “boa vida”. Um modo de existência em que as decisões são coletivas, não voltado para o lucro, em que valores não-mercantis são fundamentais, embora o universo abrangido seja muito pequeno e, por enquanto, restrito ao meio rural, não mostraria aqui e agora que existe vida para além do mercado?

LOUREIRO, Isabel. Rosa Luxemburg e os movimentos sociais contemporâneos: o caso do MST. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Revan, v.1, n.26, 2008, p.105-116.

**RESUMO:** Neste artigo procuro mostrar por que o MST tem em Rosa Luxemburg um a de suas inspirações teóricas e práticas, analisando três temas: defesa da ação direta e da experiência das massas; defesa da democracia radical; luta pelo socialismo como alternativa barbárie capitalista.

**Palavras-chave:** MST; Rosa Luxemburg; Ação direta; Democracia; Socialismo.

### **Rosa Luxemburg and the contemporary social movements: the case of MST**

**ABSTRACT:** In this article I try to show that MST (the Landless Rural Workers' Movement) has in Rosa Luxemburg one of its theoretical and practical sources of inspiration by analyzing three themes: defence of *direct action* and the *experience* of the masses; defence of *radical democracy*, struggle for socialism as alternative to capitalist barbarity.

**Keywords:** MST; Rosa Luxemburg; Direct action; Democracy; Socialism.